

DOMINGO XVI DO TEMPO COMUM

CIC 543-550: o Reino de Deus

543 *Todos os homens* são chamados a entrar no Reino. Anunciado primeiro aos filhos de Israel¹, este Reino messiânico é destinado a acolher os homens de todas as nações². Para lhe ter acesso, é preciso acolher a Palavra de Jesus:

«A Palavra do Senhor compara-se à semente lançada ao campo: aqueles que a ouvem com fé e entram a fazer parte do pequeno rebanho de Cristo, já receberam o Reino; depois, por força própria, a semente germina e cresce até ao tempo da messe»³.

544 O Reino é dos *pobres e pequenos*, quer dizer, dos que o acolheram com um coração humilde. Jesus foi enviado para «trazer a Boa-Nova aos pobres» (Lc 4, 18)⁴. Declara-os bem-aventurados, porque «é deles o Reino dos céus» (Mt 5, 3). Foi aos «pequenos» que o Pai se dignou revelar o que continua oculto aos sábios e inteligentes⁵. Jesus partilha a vida dos pobres, desde o presépio até à cruz: sabe o que é sofrer a fome⁶, a sede⁷ e a indigência⁸. Mais ainda: identifica-se com os pobres de toda a espécie, e faz do amor activo para com eles a condição da entrada no seu Reino⁹.

545 Jesus convida os *pecadores* para a mesa do Reino: «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores» (Mc 2, 17)¹⁰. Convida-os à conversão sem a qual não se pode entrar no Reino, mas por palavras e actos, mostra-lhes a misericórdia sem limites do Seu Pai para com eles¹¹ e a imensa «alegria que haverá no céu, por um só pecador que se arrependa» (Lc 15, 7). A prova suprema deste amor será o sacrifício da sua própria vida, «pela remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

546 Jesus chama para entrar no Reino, por meio de *parábolas*, traço característico do seu ensino¹². Por meio delas, convida para o banquete do Reino¹³, mas exige também uma opção radical: para adquirir o Reino é preciso dar tudo¹⁴. As palavras não bastam, exigem-se actos¹⁵. As parábolas são, para o homem, uma espécie de espelho: como é que ele recebe a Palavra? Como chão duro, ou

¹ Cf. Mt 10, 5-7.

² Cf. Mt 8, 11; 28, 19.

³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 5: AAS 57 (1965) 7.

⁴ Cf. Lc 7, 22.

⁵ Cf. Mt 11, 25.

⁶ Cf. Mc 2, 23-26; Mt 21, 18.

⁷ Cf. Jo 4, 6-7; 19, 28.

⁸ Cf. Lc 9, 58.

⁹ Cf. Mt 25, 31-46.

¹⁰ Cf. 1 Tm 1, 15.

¹¹ Cf. Lc 15, 11-32.

¹² Cf. Mc 4, 33-34.

¹³ Cf. Mt 22, 1-14.

¹⁴ Cf. Mt 13, 44-45.

¹⁵ Cf. Mt 21, 28-32.

como terra boa?¹⁶ Que faz ele dos talentos recebidos?¹⁷ Jesus e a presença do Reino neste mundo estão secretamente no coração das parábolas. É preciso entrar no Reino, quer dizer, tornar-se discípulo de Cristo, para «conhecer os mistérios do Reino dos céus» (Mt 13, 11). Para os que ficam «fora» (Mc 4, 11), tudo permanece enigmático¹⁸.

- 547** Jesus acompanha as suas palavras com numerosos «milagres, prodígios e sinais» (Act 2, 22), os quais manifestam que o Reino está presente n'Ele. Comprovam que Ele é o Messias anunciado¹⁹.
- 548** Os sinais realizados por Jesus testemunham que o Pai O enviou²⁰. Convidam a crer n'Ele²¹. Aos que se Lhe dirigem com fé, concede-lhes o que pedem²². Assim, os milagres fortificam a fé n'Aquele que faz as obras do seu Pai: testemunham que Ele é o Filho de Deus²³. Mas também podem ser «ocasião de queda»²⁴. Eles não pretendem satisfazer a curiosidade nem desejos mágicos. Apesar de os seus milagres serem tão evidentes, Jesus é rejeitado por alguns²⁵; chega mesmo a ser acusado de agir pelo poder dos demónios²⁶.
- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome²⁷, da injustiça²⁸, da doença e da morte²⁹ – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo³⁰, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado³¹, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 550** A vinda do Reino de Deus é a derrota do reino de Satanás³²: «Se é pelo Espírito de Deus que Eu expulso os demónios, então é porque o Reino de Deus chegou até vós» (Mt 12, 28). Os *exorcismos* de Jesus libertam os homens do poder dos demónios³³. E antecipam a grande vitória de Jesus sobre «o príncipe deste mundo»³⁴. É pela cruz de Cristo que o Reino de Deus vai ser definitivamente estabelecido: «*Regnavit a ligno Deus* – Deus reinou desde o madeiro»³⁵.

¹⁶ Cf. Mt 13, 3-9.

¹⁷ Cf. Mt 25, 14-30.

¹⁸ Cf. Mt 13, 10-15.

¹⁹ Cf. Lc 7, 18-23.

²⁰ Cf. Jo 5, 36; 10, 25.

²¹ Cf. Jo 10, 38.

²² Cf. Mc 5, 25-34; 10, 52; etc.

²³ Cf. Jo 10, 31-38.

²⁴ Cf. Mt 11, 6.

²⁵ Cf. Jo 11, 47-48.

²⁶ Cf. Mc 3, 22.

²⁷ Cf. Jo 6, 5-15.

²⁸ Cf. Lc 19, 8.

²⁹ Cf. Mt 11, 5.

³⁰ Cf. Lc 12, 13-14; Jo 18, 36.

³¹ Cf. Jo 8, 34-36.

³² Cf. Mt 12, 26.

³³ Cf. Lc 8, 26-39.

³⁴ Cf. Jo 12, 31.

³⁵ VENÂNCIO FORTUNATO, *Hino «Vexilla Regis»*: MGH 1/4/1, 34 (PL 88, 96).

CIC 309-314: a bondade de Deus e o escândalo do mal

- 309** Se Deus Pai todo-poderoso, Criador do mundo ordenado e bom, tem cuidado com todas as suas criaturas, porque é que o mal existe? A esta questão, tão premente como inevitável, tão dolorosa como misteriosa, não é possível dar uma resposta rápida e satisfatória. É o conjunto da fé cristã que constitui a resposta a esta questão: a bondade da criação, o drama do pecado, o amor paciente de Deus que vem ao encontro do homem pelas suas alianças, pela Encarnação redentora de seu Filho, pelo dom do Espírito, pela agregação à Igreja, pela força dos sacramentos, pelo chamamento à vida bem-aventurada, à qual as criaturas livres são de antemão convidadas a consentir, mas à qual podem, também de antemão, negar-se, por um mistério terrível. *Não há nenhum pormenor da mensagem cristã que não seja, em parte, resposta ao problema do mal.*
- 310** Mas, porque é que Deus não criou um mundo tão perfeito que nenhum mal pudesse existir nele? No seu poder infinito, Deus podia sempre ter criado um mundo melhor³⁶. No entanto, na sua sabedoria e bondade infinitas, Deus quis livremente criar um mundo «em estado de caminho» para a perfeição última. Este devir implica, no desígnio de Deus, juntamente com o aparecimento de certos seres, o desaparecimento de outros; o mais perfeito, com o menos perfeito; as construções da natureza, com as suas destruições. Com o bem físico também existe, pois, *o mal físico*, enquanto a criação não tiver atingido a perfeição³⁷.
- 311** Os anjos e os homens, criaturas inteligentes e livres, devem caminhar para o seu último destino por livre escolha e amor preferencial. Podem, por conseguinte, desviar-se. De facto, pecaram. Foi assim que entrou no mundo *o mal moral*, incomensuravelmente mais grave que o mal físico. Deus não é, de modo algum, nem directa nem indirectamente, causa do mal moral³⁸. No entanto, permite-o por respeito pela liberdade da sua criatura e, misteriosamente, sabe tirar dele o bem:
- «Deus todo-poderoso... sendo soberanamente bom, nunca permitiria que qualquer mal existisse nas suas obras se não fosse suficientemente poderoso e bom para, do próprio mal, fazer surgir o bem»³⁹.
- 312** Assim, com o tempo, é possível descobrir que Deus, na sua onnipotente Providência, pode tirar um bem das consequências dum mal (mesmo moral), causado pelas criaturas: «Não, não fostes vós – diz José a seus irmãos – que me fizestes vir para aqui. Foi Deus. [...] Premeditastes contra mim o mal: o desígnio de Deus aproveitou-o para o bem... e um povo numeroso foi salvo» (*Gn 45, 8; 50, 20*)⁴⁰. Do maior mal moral jamais praticado, como foi o repúdio e a morte do Filho de Deus, causado pelos pecados de todos os homens, Deus,

³⁶ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 1, q. 25, a. 6: Ed. Leon. 4, 298-299.

³⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra gentiles*, 3, 71: Ed. Leon. 14, 209-211.

³⁸ Cf. SANTO AGOSTINHO, *De libero arbitrio*, 1, 1, 1: CCL 29, 211 (PL 32, 1221-1223); SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 1-2, q. 79, a. 1: Ed. Leon. 7, 76-77.

³⁹ SANTO AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et caritate*, 3, 11: CCL 46, 53 (PL 40, 236).

⁴⁰ Cf. *Tb 2, 12-18* vulg.

pela superabundância da sua graça⁴¹, tirou o maior dos bens: a glorificação de Cristo e a nossa redenção. Mas nem por isso o mal se transforma em bem.

313 «Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rm* 8, 28). O testemunho dos santos não cessa de confirmar esta verdade:

Assim, Santa Catarina de Sena diz aos «que se escandalizam e se revoltam contra o que lhes acontece»: «Tudo procede do amor, tudo está ordenado para a salvação do homem. Deus não faz nada que não seja com esse fim»⁴².

E São Tomás Moro, pouco antes do seu martírio, consola a filha com estas palavras: «Nada pode acontecer-me que Deus não queira. E tudo o que Ele quer, por muito mau que nos pareça, é, na verdade, muito bom»⁴³.

313 «Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus» (*Rm* 8, 28). O testemunho dos santos não cessa de confirmar esta verdade:

Assim, Santa Catarina de Sena diz aos «que se escandalizam e se revoltam contra o que lhes acontece»: «Tudo procede do amor, tudo está ordenado para a salvação do homem. Deus não faz nada que não seja com esse fim»⁴⁴.

E São Tomás Moro, pouco antes do seu martírio, consola a filha com estas palavras: «Nada pode acontecer-me que Deus não queira. E tudo o que Ele quer, por muito mau que nos pareça, é, na verdade, muito bom»⁴⁵.

E Juliana de Norwich: «Compreendi, pois, pela graça de Deus, que era necessário ater-me firmemente à fé, e crer, com não menos firmeza, que todas as coisas serão para bem...». «*Thou shalt see thyself that all manner of thing shall be well*».⁴⁶

314 Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (*1 Cor* 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse *Sábado*⁴⁷ definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra.

CIC 825, 827: o joio e a semente do Evangelho em cada um de nós e na Igreja

825 «Na terra, a Igreja está revestida duma verdadeira, ainda que imperfeita, santidade»⁴⁸. Nos seus membros, a santidade perfeita é ainda algo a adquirir: «Munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um pelo seu caminho»⁴⁹.

⁴¹ Cf. *Rm* 5, 20.

⁴² SANTA CATARINA DE SENA, *Il dialogo della Divina provvidenza*, 138: ed. G. CAVALLINI (Roma 1995) p. 441.

⁴³ MARGARITA ROPER, *Epistula ad Aliciam Alington* (mense augusti 1534): *The Correspondence of Sir Thomas More*, ed. E. F. ROGERS (Princeton 1947), p. 531-532. [Texto no Ofício de Leituras da memória de São Tomás Moro a 22 de Junho].

⁴⁴ SANTA CATARINA DE SENA, *Il dialogo della Divina provvidenza*, 138: ed. G. CAVALLINI (Roma 1995) p. 441.

⁴⁵ MARGARITA ROPER, *Epistula ad Aliciam Alington* (mense augusti 1534): *The Correspondence of Sir Thomas More*, ed. E. F. ROGERS (Princeton 1947), p. 531-532. [Texto no Ofício de Leituras da memória de São Tomás Moro a 22 de Junho].

⁴⁶ JULIANA DE NORWICH, *Revelatio* 13, 32: *A Book of Showings to the Anchoress Julian of Norwich*, ed. E. COLLEDGE – J. WALSH, VOL. 2 (TORONTO 1978), p. 426 E.

⁴⁷ Cf. *Gn* 2, 2.

⁴⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 53.

⁴⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

827 «Enquanto que Cristo, santo e inocente, sem mancha, não conheceu o pecado, mas veio somente expiar os pecados do povo, a Igreja, que no seu próprio seio *encerra pecadores*, é simultaneamente santa e chamada a purificar-se, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e renovação»⁵⁰. Todos os membros da Igreja, inclusive os seus ministros, devem reconhecer-se pecadores⁵¹. Em todos eles, o joio do pecado encontra-se ainda misturado com a boa semente do Evangelho até ao fim dos tempos⁵². A Igreja reúne, pois, em si, pecadores abrangidos pela salvação de Cristo, mas ainda a caminho da santificação:

A Igreja «é santa, não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que eles caem em pecado e nas desordens que impedem a irradiação da sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por estas faltas, tendo o poder de curar delas os seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo»⁵³.

CIC 1425-1429: a necessidade de uma constante conversão

1425 «Vós fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados pelo nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (*1 Cor* 6, 11). Precisamos de tomar consciência da grandeza do dom de Deus que nos foi concedido nos sacramentos da iniciação cristã, para nos apercebermos de até que ponto o pecado é algo de inadmissível para aquele que «foi revestido de Cristo»⁵⁴. Mas o apóstolo São João diz também: «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós» (*1 Jo* 1, 8). E o próprio Senhor nos ensinou a rezar: «Perdoai-nos as nossas ofensas» (*Lc* 11, 4), relacionando o perdão mútuo das nossas ofensas com o perdão que Deus concederá aos nossos pecados.

1426 A *conversão* a Cristo, o novo nascimento do Baptismo, o dom do Espírito Santo, o corpo e sangue de Cristo recebidos em alimento, tornaram-nos «santos e imaculados na sua presença» (*Ef* 1, 4), tal como a própria Igreja, esposa de Cristo, é «santa e imaculada na sua presença» (*Ef* 5, 27). No entanto, a vida nova recebida na iniciação cristã não suprimiu a fragilidade e a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação para o pecado, a que a tradição chama *concupiscência*, a qual persiste nos baptizados, a fim de que prestem as suas provas no combate da vida cristã, ajudados pela graça de Cristo⁵⁵. Este combate é o da *conversão*, em vista da santidade e da vida eterna, a que o Senhor não se cansa de nos chamar⁵⁶.

⁵⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12; cf. Id, Decr. *Unitatis redintegratio*, 3: AAS 57 (1965) 92-94; *Ibid*, 6: AAS 57 (1965) 96-97.

⁵¹ Cf. *1 Jo* 1, 8-10.

⁵² Cf. *Mt* 13, 24-30.

⁵³ PAULO VI, *Sollemnis Professio fidei*, 19: AAS 60 (1968) 440.

⁵⁴ Cf. *Gl* 3, 27.

⁵⁵ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, can. 5: DS 1515.

⁵⁶ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1545; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 40: AAS 57 (1965) 44-45.

1427 Jesus chama à conversão. Tal apelo é parte essencial do anúncio do Reino: «O tempo chegou ao seu termo, o Reino de Deus está próximo; convertei-vos e acreditai na boa-nova» (*Mc* 1, 15). Na pregação da Igreja, este apelo dirige-se, em primeiro lugar, àqueles que ainda não conhecem Cristo e o seu Evangelho. Por isso, o Baptismo é o momento principal da primeira e fundamental conversão. É pela fé na boa-nova e pelo Baptismo⁵⁷ que se renuncia ao mal e se adquire a salvação, isto é, a remissão de todos os pecados e o dom da vida nova.

1428 Ora, o apelo de Cristo à conversão continua a fazer-se ouvir na vida dos cristãos. Esta *segunda conversão* é uma tarefa ininterrupta para toda a Igreja, que «contém pecadores no seu seio» e que é, «ao mesmo tempo, santa e necessitada de purificação, prosseguindo constantemente no seu esforço de penitência e de renovação»⁵⁸. Este esforço de conversão não é somente obra humana. É o movimento do «coração contrito»⁵⁹, atraído e movido pela graça⁶⁰ para responder ao amor misericordioso de Deus, que nos amou primeiro⁶¹.

1429 Testemunho disto mesmo é a conversão de Pedro, depois de três vezes ter negado o seu mestre. O olhar infinitamente misericordioso de Jesus provoca-lhe lágrimas de arrependimento⁶² e, depois da ressurreição do Senhor, a tríplice afirmação do seu amor para com Ele⁶³. A segunda conversão tem, também, uma dimensão *comunitária*. Isto aparece no apelo dirigido pelo Senhor a uma Igreja inteira: «Arrepende-te!» (*Ap* 2, 5-16).

Santo Ambrósio diz das duas conversões que, na Igreja, «existem a água e as lágrimas: a água do Baptismo e as lágrimas da Penitência»⁶⁴.

CIC 2630: a oração de súplica fala profundamente através do Espírito Santo

2630 O Novo Testamento quase não contém orações de lamentação, frequentes no Antigo. Doravante, em Cristo Ressuscitado, a petição da Igreja é sustentada pela esperança, embora ainda estejamos à espera e tenhamos de nos converter em cada dia. É de outra profundidade que brota a petição cristã, aquela a que São Paulo chama *gemido*: o da criação em «dores de parto» (*Rm* 8, 22) e também o nosso «aguardando a libertação do nosso corpo», porque «foi na esperança que fomos salvos» (*Rm* 8, 23-24); e, por fim, os «gemidos inefáveis» do próprio Espírito Santo, que «vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser» (*Rm* 8, 26).

⁵⁷ Cf. *Act* 2, 38.

⁵⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

⁵⁹ Cf. *Sl* 51, 19.

⁶⁰ Cf. *Jo* 6, 44; 12, 32.

⁶¹ Cf. *1 Jo* 4, 10.

⁶² Cf. *Lc* 22, 61-62.

⁶³ Cf. *Jo* 21, 15-17.

⁶⁴ SANTO AMBRÓSIO, *Epistula extra collectionem* 1 [41], 12: CSEL 82/3, 152 (PL 16, 1116).